

AS DEFORMIDADES SOCIAIS NA OBRA DE ANA PAULA MAIA

LISIANI COELHO¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – lisi.coelho83@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – berger9889@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação corresponde a um recorte da pesquisa desenvolvida durante a Dissertação de Mestrado intitulada “As manifestações do grotesco no universo ficcional de Ana Paula Maia”, que corresponde à análise da trilogia *Saga dos Brutos*, composta pelas novelas *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* (2009) e *O Trabalho Sujo dos Outros* (2009) e pelo romance *Carvão Animal* (2011), à luz da teoria da estética do grotesco. Ao nos referirmos às deformidades sociais na obra da autora, tratamos das relações estabelecidas por intermédio do corpo das personagens, cuja principal função remete à atividade laboral. As deformidades físicas, as doenças e os agravos refletem a posição social das personagens no sistema capitalista. E como esses brutamontes (assim denominados nas narrativas) não estão isolados de seu entorno, ao gosto da própria estética grotesca – da qual o cerne encontra-se no hibridismo entre homens, animais e vegetais –, a corporalidade na obra apresenta-se para além do indivíduo, associando-o, justamente, a esses outros elementos da natureza.

Dessa forma, a análise prioriza um debate acerca da precarização das condições das personagens e como esse fato as aproxima de outros aspectos do próprio ambiente, igualmente negligenciados pela sociedade do consumo, com o intuito de contribuir para o estudo da presença do grotesco na literatura brasileira contemporânea, associando a sua incidência à representação de espaços ficcionais habitados por personagens à margem da sociedade. Para tanto, utilizam-se as questões levantadas por BAKHTIN (2010) e KAYSER (2019) em relação a importância do grotesco nas artes e, por conseguinte, na própria sociedade, bem como o significado do corpo presente na obra de LE BRETON (2007) e a situação da classe trabalhadora no sistema capitalista pela leitura de HAN (2018).

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada corresponde a uma abordagem qualitativa, técnica de pesquisa essencialmente bibliográfica, que compreende a leitura e análise das referidas novelas e do romance, bem como de material teórico-crítico relacionado à estética do grotesco e seus entrecruzamentos com questões de ordem social e econômica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de conceitos advindos da sociologia do corpo, conseguimos ampliar a análise do grotesco, estabelecendo conexões entre as suas representações na ficção e a condição de indivíduos em situações análogas na sociedade. Isso ocorre, pois, segundo Le Breton (2007, p. 77):

O corpo também é, preso no espelho do social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita. Nesse contexto o corpo é um analisador privilegiado para evidenciar os traços sociais [...] quando se trata de compreender os fenômenos sociais contemporâneos.

Esse campo de estudo nos indica que, dentro do sistema capitalista, o valor do corpo representa, também, uma forma de capital, no qual investe-se muito, quando existem recursos para tanto. A boa aparência e a vestimenta adequada, que valorizam o corpo “perfeito”, dividem os espaços de circulação, abrindo portas para o futuro dos que cumprem a “norma”; tendo em vista que a aparência física passa, na contemporaneidade, a corresponder a um valor de moral. Além disso, há todo um mercado, em contínua expansão, dedicado ao fornecimento de suprimentos que atendam a essas demandas. Enquanto isso, do outro lado da balança, encontram-se os populares, que não possuem a mesma relação com o corpo, apesar de utilizarem-no como capital: a relação é muito mais instrumental e a capacidade de exercê-la adquire um valor vital.

A doença, por exemplo, é ressentida com o um entrave à atividade física, principalmente profissional. A queixa dirigida ao médico diz respeito, sobretudo, à “falta de força”. A doença retira dos membros dessa camada social a possibilidade de fazer do corpo um uso (profissional, sobretudo) habitual e familiar. Dessa forma, não prestam nenhuma atenção especial ao corpo e o utilizam sobretudo como um “instrumento” ao qual demandam boa qualidade de funcionamento e de resistência. A valorização da força lhes confere uma maior tolerância à dor, “eles não admitem, sobretudo, sentirem se doentes” (LE BRETON, 2007, p. 82).

Por esse motivo, o abatedor de porcos Gerson sai todo dia para trabalhar, mesmo com a agonia da sua doença terminal, amparado pelo colega Edgar Wilson, que trabalha praticamente por dois para não fazer notar a incapacidade do amigo. E personagens amputadas por conta da profissão, como o lixeiro Jeremias, trabalham dobrado para compensar a falta dos membros e desenvolvem uma habilidade extraordinária nos remanescentes. O mesmo ocorre com o cozeiro Aparício que, devido a deficiência nas pernas causada por abuso no ambiente doméstico, precisa cavar freneticamente para compensar o andar lento e claudicante.

Em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), Han estabelece conexão entre o desenvolvimento contemporâneo e a posição social das classes populares nessa pirâmide. A denominação destinada pelo sistema dialoga com o tratamento recebido pelas personagens de Maia. “Pessoas com um valor econômico baixo são denominadas como *waste* (lixo). Consumidores com alto valor de mercado se encontram no grupo *shooting star* (HAN, 2018, p. 91). Desse modo, a representação do aterro sanitário e de seus moradores, que muitas vezes disputam com os animais os despojos da sociedade, configura-se como um símbolo da marginalização e do banimento.

Outro exemplo desse *modus operandi* encontra-se na utilização dos cadáveres no romance *Carvão Animal*. A cidade onde a trama se desenvolve é considerada “morta-viva” (um verdadeiro polo da morte), pois trata-se de uma localidade que, a cada dia que passa, torna-se mais dependente dos óbitos de moradores e de habitantes de outras regiões. Até então, a economia local era de domínio exclusivo da mineração; no entanto, com a natureza em colapso devido à exploração excessiva das minas, impactando, inclusive, na temperatura local, outras alternativas precisaram ser colocadas em ação e o crematório Colina dos Anjos começou a se destacar, fornecendo calor a diversas zonas da cidade, por meio de energia gerada na incineração de corpos humanos e de animais.

Os vivos de Abalurdés sabem aproveitar bem os seus mortos. A cafeteria, a música sacra que toca na capela, todas as lâmpadas dos postes do

jardim, os computadores, o triturador, tudo é acionado pela energia proveniente do calor dos fornos. No hospital [...], a energia produzida pelo conversor é vital para o seu funcionamento. Os mortos do hospital são vitais para o funcionamento dos fornos; por conseguinte, para a energia a ser gerada no conversor (MAIA, 2011, p. 69-70).

Nesse cenário, voltado para o horror (preconizado por Kayser (2019) em sua abordagem do grotesco) de transformar a morte em um negócio lucrativo chega-se ao ponto de quase 100 corpos serem acumulados e, posteriormente, eliminados em fornos de carvão vegetal, devido à excessiva demanda e a falha do maquinário do crematório. Os restos humanos são torrados e ensacados com os produtos da própria carvoaria (carvão animal com carvão vegetal, sem a mínima diferenciação). Ao capitalismo, não escapa nem a morte; muito pelo contrário, ela transforma-se em uma solução prática para lidar com o excesso de “baixas” diárias e a superlotação dos cemitérios.

Em suma, a partir da leitura e análise das obras e das suas capas (representativas do hibridismo presente no projeto literário da autora) é possível classificar as relações entre os domínios animal, vegetal e mineral em três grupos, de acordo com o grau a partir do qual se estabelecem. Primeiramente, encontra-se a **relação por aproximação**, aquela na qual homens e animais passam a dividir o mesmo ambiente e a mesma rotina. Muitas vezes, essa ligação é de afeto e de reconhecimento, como no caso de Erasmo Wagner e suas cabras, Divina e Rosa Flor. Em outros casos, a relação se estabelece a partir da constatação de características em comum, seja pela convivência próxima ou identificação de natureza semelhante, como ocorre com Edgar Wilson, que vê nos cães de rinha o mesmo instinto e destino que possui, gerando, assim, um sentimento de empatia pelas agruras compartilháveis. Por vezes, esse reconhecimento dá-se por parte de comparações estabelecidas pelo narrador para explicitar a relação entre comportamento e ocupação das personagens, como os mineiros tratados feito jumentos e J.G., o simpático ajudante do Crematório Colina dos Anjos, como um cão fiel, que retorna para ser alimentado e ter um abrigo garantido. Há, por fim, a relação de rivalidade, quando, ao dividirem o mesmo espaço, animais e homens batalham pelas mesmas sobras da sociedade. Neste grupo, incluem-se o coletor de lixo Erasmo Wagner, seus colegas de profissão e os moradores do aterro sanitário, que precisam lutar com aves carniceiras, cães e ratos, seja pelo recolhimento do lixo ou para o aproveitamento dele.

O segundo grupo corresponde às **relações por assimilação**, quando os elementos se tornam um só. Já no início da primeira novela, *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos*, ocorre a união corporal entre Pedro e uma porca à espera do abate. Ao praticar a violação do animal, por determinado período de tempo, seus corpos ficam conectados e, posteriormente, o fluído biológico do rapaz passa a integrar o corpo do suíno. Por mais que seja uma assimilação temporária, ela é importante para demonstrar a objetificação dos animais e o ato de ultrapassar a fronteira entre os domínios de cada espécie. Longe de ser algo presente com exclusividade na literatura, essa prática é recorrente nos meios rurais, inclusive sendo utilizada para a “iniciação de jovens” e provar-se como um fetiche lucrativo na indústria pornográfica. Em *O Trabalho Sujo dos Outros*, há dois tipos de relação por assimilação: a primeira diz respeito a composição do chorume do aterro sanitário, uma pasta liquefeita de aparência repulsiva e odor pútrido, na qual não há mais o que diferenciar, todos os elementos retornam à terra para “adubar” a próxima geração de infelizes. A segunda corresponde à substituição de uma válvula aórtica humana danificada pela correspondente suína. Essa prática não é incomum

na medicina, pois tem a vantagem de apresentar melhor rendimento e menor investimento do que a implantação de uma válvula mecânica. Já o romance *Carvão animal* discute a assimilação por intermédio dos ciclos do carvão. Em primeiro lugar, no auge do frio, homens e animais mortos passam a ser incinerados juntamente, como supracitado. Na próxima etapa do ciclo, observamos o vazamento de gás e a posterior explosão da mina de Abalurdes, com a combustão conjunta dos corpos dos trabalhadores e do produto mineral que se origina no local. O bombeiro Ernesto Wesley faz a conexão entre os dois tipos de carvão: “Não é possível identificar qual é mais negro. Se misturados, homens e fósseis se confundiriam” (MAIA, 2011, p. 81). No interior da mina, para os que ficaram para trás, não há mais distinção. E, na última etapa do ciclo do carvão, há a junção dos corpos incinerados na fábrica de carvão vegetal com o produto produzido no local.

Por último, há uma forma de hibridismo à parte, que não é claramente definível em termos dos conceitos abordados, mas que surge como uma terceira possibilidade de união, ligada à **ingestão**, um dos atos identificados por Bakhtin (2010), em sua leitura da estética grotesca, como representativo da noção de inacabamento do corpo. O pai de Gerson, um glutão caracterizado de forma repulsiva, comete canibalismo ao ingerir o rim do próprio filho, assim como os clientes da mercearia na qual trabalha Edgar Wilson, ao comprarem a carne de Pedro, brutalmente assassinado pelo abatedor, juntamente com a dos porcos. Pelo lado dos animais, ocorre a ingestão de partes humanas, quando as vítimas do abatedor são dadas aos porcos para o encobrimento dos rastros, enquanto cães e galinhas ingerem partes de seus donos mortos, ora por amor, ora por instinto.

4. CONCLUSÕES

As narrativas da *Saga dos Brutos* representam um projeto contemporâneo de grotesco, produzido por meio de uma linguagem seca, irônica e curta, que dialoga com o ritmo da sociedade contemporânea e com as consequências do aprofundamento do capitalismo no século 21, ao mesmo tempo em que apresentam as contradições presentes na relação entre as classes sociais e a objetificação do indivíduo que precisa manter-se firme para sustentar o mercado de consumo com a exploração do seu trabalho. O sucesso e a continuidade da série de livros da autora refletem o desencanto e o atordoamento atual: variando entre a constatação da miséria facilmente encontrada nas ruas e a passividade da aceitação do *status quo* da “positividade” tóxica vinculada à lógica do desempenho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHKTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- HAN, B.C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.
- KAYSER, W. **O grotesco**: configuração na pintura e na literatura. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução: Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MAIA, A. P. **Carvão animal**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- MAIA, A. P. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.